

A UNILÚRIO

“É ELEMENTO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ILHA”

O Professor Doutor Nuno Silva Gustavo da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, defende que é preciso apoiar a comunidade a transformar os ofícios em serviços e produtos turísticos

Nuno Gustavo diz que a UniLúrio é um actor estratégico para garantir um desenvolvimento sustentável da Ilha

Entre as pág. 7 e 10



“É PRECISO DAR VALOR AO CONHECIMENTO EMPÍRICO, CULTURAL E TRADICIONAL”

– Hafiz Jamú, Presidente da Associação Ilha de Moçambique

Leia entre as pág. 2 - 5

Pub



**OFERECEMOS CURSOS
BÁSICOS DE
INGLÊS, FRANCÊS
E ITALIANO
INSCREVA-TE JÁ**



FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO(CECROI) FCSH



84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012



Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/UniLurio

“É PRECISO DAR VALOR AO CONHECIMENTO EMPÍRICO, CULTURAL E TRADICIONAL”

– Hafiz Jamú, Presidente da Associação Ilha de Moçambique

Descemos ao Macuthi da Ilha de Moçambique ao encontro de Hafiz Jamú, uma das figuras proeminentes da sociedade civil local, Fundador e Presidente da Associação Ilha de Moçambique, uma agremiação que tem estado a lutar para conservação e preservação do património. Congrega um total de dezoito associações, entre legais e tradicionais. Foi a Associação Ilha de Moçambique que em 2016 desencadeou um forte trabalho de advocacia junto da direcção da Universidade Lúrio, que viria a culminar com a instalação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), em 2017.

Nesta conversa, dirigida por Faizal Raimo, Hafiz Jamú fala dos motivos que levaram os ilhéus a solicitarem a instalação de uma faculdade, as assimetrias existentes entre as cidades de Macuthi e a de Pedra e Cal, bem como, os passos recursivos que a sua agremiação tem vindo a levar a cabo, para quebrar uma fronteira existente entre a antiga zona de brancos e de pretos, colocando-as no mesmo nível. E traça trilhas de como a FCSH pode capitalizar a mistura de conhecimentos de que dispõe a Ilha, sem perturbar o ambiente de convivência local.

Hafiz também fala dos vários ganhos que advém da existência de uma faculdade na Ilha de Moçambique. As meninas que ontem trabalhavam a terra, hoje pretendem ter uma participação intelectual e as crianças apresentam um coeficiente de inteligência muito alto e já mais visto nos últimos anos.

Nesta conversa, Hafiz Jamú assume que foi muito controverso, durante as reuniões da criação da FCSH e explica que o seu receio era que as teorias universitárias influenciassem negativamente a tradição local.

Omacuthi (OM): Naquela altura, onde surgiu a ideia de pretenderem uma faculdade na Ilha de Moçambique?

Hafiz Jamú (HJ): Primeiro devo assumir que fui muito controverso em quase todos os momentos desencadeados para a criação da Faculdade. Na verdade foi uma solicitação que me deixava dividido entre receios e vantagens. Tinha receio que o ambiente universitário, as teorias universitárias fossem perturbar o ambiente de convivência local. Mas como sabe, o saber tem seu alicerce que é baseado no saber cognitivo, o saber tradicional, não organizado. Estava com receio que fosse perturbado esse saber. Mas por outro lado, havia pontos importantes e positivos sobre a presença



Créditos: Cefo Assimilado

Hafiz Jamú Presidente da Associação Ilha de Moçambique

da Universidade na Ilha de Moçambique, a partir do momento em que sabemos que o conhecimento organizado e sistematizado traz mais-valia. Então eu ficava sempre dividido e me questionava quase que constantemente: como é que o saber sistematizado não vai

perturbar o saber tradicional?!

OM: Quatro anos depois, como é que avalia a convivência desses dois saberes?

HJ: Felizmente ainda não houve nenhuma perturbação. Houve uma situação

em que estivemos juntos com o Reitor, que era a maneira de vestir de algumas alunas que chegavam para ingressar a universidade, não tinha nada a ver com a maneira de vestir da Ilha de Moçambique. A minha pre-

Cont. pág. 3

Ficha técnica:

Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpcifcsh@unilurio.ac.mz | +258 878300752

Director: Wilson Profírio Nicaquela | **Editor:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Revisão:** Albino Oreste Muatuca e Beatriz Chalucuané

Redação: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Fotografias:** Cefo Assimilado | **Maquetização:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo

Distribuição: gratuita

ocupação era na altura, o que é que vai acontecer? Será que as pessoas vão imitar esta maneira de vestir? Então, temos pessoas que estão constantemente atentas. O facto dos estudantes estarem nos bairros, há uma vantagem porque alguns trocos de renda passaram para famílias que antes não ganhavam nada e começaram a perceber a vantagem do turismo, mas as meninas, principalmente aquelas que vinham de Mogovolas e Cidade de Nampula, não tinham o ambiente religioso emanado pela Ilha de Moçambique. Quando chegasse o momento de relaxar, elas podiam sair para a rua de calções bastante curtos. Esta pessoa tem influência no seu meio de residência, tem *status* de estudante universitário, o que a criança local vai pensar desta forma de vestir? Mas depois de eu ter falado com o Reitor, sendo aquela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, não de engenharias, que percebi o lado não linear do ser humano, houve uma vantagem, algumas coisas foram mudadas. Eu apareço, neste caso, a impulsionar a faculdade, também no ponto de vista que somos um legado de relacionamento inter-cultural com vários povos, ao nível de sermos reconhecidos e



Créditos: Cefo Assimilado

Faizal Raimo e Hafiz Jamú

A conversa na Cidade de Macuthi

classificados como Património Mundial da Humanidade por um organismo Internacional, a UNESCO.

OM: Essas estudantes conseguiram adaptar-se à cultura local?

HJ: Agora não há reclamação. Numa das reuniões que tivemos com o Magnífico Reitor, Francisco Noa, um Sheik, chegou de comparar a forma em que as estudantes vestiam-se, como se fossem autênticas prostitutas. Era um choque! As alunas do ensino primário e secundário não se vestiam como aquelas. Tratamos esse choque no princípio e internamente, a faculdade conseguiu resolver isso felizmente.

OM: Mas, o que teria levado o vosso grupo a pensar na instalação de uma faculdade na Ilha?

HJ: A Ilha de Moçambique atingiu o nível de ser classificada e reconhecida como património Mundial. E essa interacção, diversidade cultural, religiosa, étnica, tinha uma gema na sabedoria. Essa parte, sendo a Ilha de Moçambique, uma zona com potencial conhecimento, não fazia muito sentido não existir uma casa ou instituição de conhecimento. Nesta perspectiva, uma universidade de ciências sociais que pudesse lidar com o ser humano, com a conservação do património, com ciências humanas e com o registo das suas potencialidades, era preciso. Veja que existe um documento sobre o património imaterial da Ilha de Moçambique que foi iniciado há dez anos, nunca foi publicado. Esse documento tem muito saber, como construir um barco na Ilha de Moçambique, como entortar uma tábuas que vai entrar naquela parte da barriga do barco, esse é um saber, é uma arte, mas que não tem nada

a ver com a engenharia. Tem a ver com o saber humano acumulado ao longo de vários anos de interacção com a natureza.

OM: Como é que pensa que a faculdade poderia ajudar a ultrapassar este problema?

HJ: Uma das coisas muito boa é que a Ilha de Moçambique foi bombardeada de várias consultorias. Recebi vários estudantes voluntários em número de 150 de diversas universidades do mundo para ajudar na realização de trabalhos de campo, a mapear conhecimento, a fazer programas e projectos. Eu tenho a noção desta parte de carpintaria, tenho a noção de joalheria, mas o registo académico disso, não existe.

OM: Está a dizer que passaram por aqui muitos consultores que não divulgaram os resultados?

HJ: Nada foi divulgado! Nem se quer feita a assembleia para a discussão desses estudos, para que estivessem conservados aqui na Ilha de Moçambique.

OM: Podemos dizer que a divulgação das potencialidades era um dos objectivos do esforço exercido pela vossa associação em trazer uma faculdade para Ilha?

HJ: Sim. Não foi esforço da minha associação apenas, como também de outras forças vivas da Ilha para que a Universidade Lúrio trouxesse uma faculdade que pudesse documentar a nossa rica história. Nós estamos velhos,

daqui a pouco morremos e as coisas com quem ficam? Felizmente, as minhas filhas participam nessas coisas, mas outros jovens, não! Esta passagem de testemunho não estava acontecer efectivamente. Com a faculdade, os alunos podem ir trabalhar como voluntários na associação de que sou membro e podem resolver isso. Eu acabei tomando uma decisão: neguei receber estudantes voluntários do estrangeiro. Pedi para que me pudessem trazer apenas estudantes moçambicanos para que eu ensinasse o que deve ser feito. A UCM em Pemba, Departamento de Turismo, mandou-me quatro estudantes voluntários, destes, dois no fim dos seus trabalhos ficaram aqui na Ilha, um deles trabalha no Gabinete de Conservação. Eu estava a negar trabalhar com estudantes estrangeiros porque estavam a sugar as nossas informações, ou seja, recolhiam dados e não retornavam.

OM: A ginástica de trazer a Faculdade foi fácil?

HJ: Não foi. Há pessoas que nem se quer estão a viver aqui na Ilha, apesar de serem daqui. Por exemplo, o Luís Filipe e o irmão, Luís Bernardo e outras, essas pessoas jogaram um papel importante para que a faculdade viesse para aqui. Agora, nós, estamos aqui, fizemos aquilo que é essencial no nosso contexto. Por exemplo, quem escolheu aquele local onde funciona a faculdade, perto do Tribunal, fui eu. Solicitei um edifício para ser a sede da nossa associação, então o Estado cedeu-nos aquele edifício, só que a minha associação é virada para área cultural e, está aqui na cidade de Macuthi. Tivemos que escolher um outro edifício que fica aqui perto do hospital, porque entendemos que devíamos ficar aqui e lá seria longe. Então nós estamos aqui no limite entre onde os brancos vivem, porque queremos rebentar essa fronteira entre a zona de brancos e pretos, porque aqui não há brancos e não há pretos, somos todos uma Ilha.

Nesta linha de pensamento, deixamos o edifício da cidade, preferimos ficar aqui no Macuthi. Quando me foi solicitada a opinião sobre onde é que a universidade devia se instalar, indiquei aquele edifício que havia dispensado, aquando da procura do edifício para a nossa associação.

OM: A zona insular da Ilha está dividida em duas cidades, a de Macuthi e a de Pedra e Cal, com bastantes desigualdades. Muitos dizem que a cidade de Macuthi é a que pouco é divulgada, consequentemente, desvalorizada. Na sua opinião, como equilibrar essa desigualdade entre as duas cidades?

HJ: Falei uma coisa muito importante no início desta conversa. Cuidado! Conservação do património é algo muito vulnerável. A gente deve viver na casa, tocar objectos, mexer, usá-los, mas temos de mantê-los assim. Temos que conservar. Preservar é outro assunto que significa exactamente, utilizar e capitalizar. Nós ganhamos o dinheiro, mas ele tem que estar lá. Agora fazer parte desta coisa é que a Faculdade, sendo uma coisa, instituição de conhecimento organizado, é preciso dar valor ao conhecimento empírico, cultural e tradicional. Valorizar esse conhecimento para que este apareça como capa de revista. Estamos a dizer o seguinte: escrever uma história sobre os ritos de iniciação de um barco, mas não desprezar. Tem que valorizar, ou seja, um barco quando é feito, chega tempo da sua inauguração, antigamente naquelas naus morria alguém. Era degolado alguém até que o sangue escorresse na guia. Hoje, a Europa rebenta um champanhe. Está a ver a relação? No tempo dos nossos antepassados, por causa da religião muçulmana, disseram: não matem ninguém, degolem um cabrito, uma vaca, uma galinha. Alterou todo aquele sistema, hoje degolamos uma galinha e é aquele sangue que entra naquela guia.

OM: Como essas vivências devem ser capitalizadas pela FCSH?

HJ: Escrevendo! Escrever esses momentos. Escrever de forma organizada, mas sem banalizar, porque é isso

que a pessoa que vem de fora quer vivenciar. Essa é que é a matriz do conhecimento desorganizado e empírico. Quando é valorizado é genuíno. Na escrita académica podem perguntar porque é galinha? Nós estamos a dizer que antigamente era pessoa, mudou por causa da religião, esta é a história, mas de forma académica. Agora nós vamos ver aqui a forma representativa de degolar o ser humano e colocar o sangue dele na guia de um barco e com um ritual vai para o mar. Esse ritual de galinha, se todas as pessoas perceberem que seria usado sangue de um ser humano, tem outra componente, está a ser valorizado. Parece teatro, mas não é. É realidade! As pessoas gostam de viver isso. Gostam de memorizar isso, as lendas que aconteceram na Suécia, na época do gelo e da escuridão. Houve escravatura aqui na Ilha de Moçambique. Houve negros heróis aqui nesta terra, então é isso que tem que ser capitalizado.

OM: Em jeito de finalização, Sr. Hafiz, poderia avançar-nos aquilo que achas que são ganhos que advêm da existência de uma faculdade na Ilha de Moçambique?

HJ: Tenho colhido frutos directos e indirectos. O ganho directo é que a minha filha está a estudar lá. Sinto as vantagens na pele. Em condições normais, a minha filha teria que estar em Nampula. O meu primeiro filho, por exemplo, estudou em Quelimane, a segunda filha na cidade de Nampula, a terceira também fora de casa, em Nampula, mas esta, não há necessidade de ela sair, come, o que eu como. E, ainda participo na vida da faculdade dela. Eu adoro isso, ver minha filha a estudar e a discutir assuntos da vida académica. De repente, quando ela entrou na faculdade, mudou a forma de falar, hoje ela é assertiva, raciocínio coeso. Estou confiante que vou morrer, aquela não será escrava de ninguém, isso para mim é um ganho.

Agora não estou a falar de outras

peças. Hoje na Ilha de Moçambique já é possível nascer aqui, estudar da pré até chegar ao nível superior, sem ter saído daqui. Para estudar, não precisa ir para Nampula. Neste quarto ano de faculdade, a performance intelectual que vejo, sobretudo na minha filha, esses alunos que estão nos bairros, devem estar a ensinar as crianças, boas coisas. Se for a medir o coeficiente de inteligência, veremos que não é o mesmo que há seis anos. Hoje essas crianças interagem com jovens que estão nos seus quintais e que são estudantes daquela faculdade. Esta é mais uma valia para a Ilha de Moçambique.

O protagonismo que esses estudantes dão para as outras camadas da juventude que estão a fazer o ensino primário e secundário, alguns deles já sentem a vontade de estar lá um dia.

Pub

Em Jembesse, as meninas que antes acordavam e iam trabalhar a terra, hoje já querem andar bem vestidas e terem participação intelectual. Isto não podemos negar, aquela faculdade está a trazer mudanças. Finalizo parabenizando a Ilha, ao Magnífico Reitor Francisco Noa e sua Vice Reitora por terem conseguido nos instalar uma faculdade, mesmo tendo sido um desafio enorme a avaliar pelas dificuldades decorrentes da falta de infra-estruturas no início. Quero também, parabenizar a todos que deram a sua contribuição para tornar realizável o sonho de ter uma faculdade na Ilha de Moçambique, ao antigo presidente do município e aos estudantes que mesmo sem condições aceitaram se alojar nos becos da nossa cidade, suportando todos os riscos que isso oferece.

Destas casas emerge o nosso boletim



Leia e divulgue

Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

Mesmo depois da retoma das aulas presenciais

UNILÚRIO VAI MANTER O ENSINO ONLINE

O Reitor da Universidade Lúrio diz que mesmo depois da retoma das aulas presenciais, a sua instituição de ensino vai continuar a desenvolver maximamente o ensino *online*.

Francisco Noa entende que os resultados não muito satisfatórios apresentados em relação ao ensino *online* têm a ver com a falta de cultura e preparação dos principais actores para lidar com as Tecnologias de Informação e Comunicação, na perspectiva educacional.

“Vamos ter que manter o sistema *online*. Todos nós fomos apanhados de surpresa, de certo modo, não estávamos preparados para aulas, fazer pesquisa e desenvolver uma série de actividades por via desta nova normalidade”, nesta perspectiva, o próximo plano estratégico da Universidade Lúrio vai priorizar a questão da digitalização da sua instituição, como um dos principais pilares.

O Magnífico Reitor da UniLúrio falava no passado dia 07.07.2020, num debate através da Web, organizado pela Confederação das Associações Económicas (CTA) subordinado ao tema “Impacto da Covid-19 no Ensino Superior em Moçambique, Perspectiva de Retoma”.

COMEMORAMOS TRÊS ANOS REFLECTINDO SOBRE O NOSSO PAPEL NA SOCIEDADE

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Lúrio completou, no passado dia 05.07.2020, o seu terceiro aniversário chamando os seus colaboradores, entre CTA e docentes, incluindo os estudantes, para uma introspecção profunda sobre os seus feitos na sociedade.

Segundo o Director da FCSH, Wilson Nicaquela, é com a reflexão sobre o papel que a sua instituição joga na sociedade que se pode fortalecer o desejo colectivo de fazer a diferença, na Ilha e, gradualmente, na província, região, país e no mundo.

“Temos que fazer uma introspecção profunda, avaliar o que fizemos de errado? O que deveríamos ter feito? O que fizemos certo? Como continuar a capitalizar? Com quem deveríamos contar? Com quem devemos contar? Para que façamos o que a sociedade tanto espera de nós como instituição vocacionada na abordagem de questões sociais”.

Nicaquela explica que fazer esta reflexão equivale a comemorar simbolicamente os três anos da FCSH no meio de situações adversas, provocadas pela pandemia do novo Corona Vírus.

Café Central



Pousada



SUITES CHARMOSAS LOVELY ROOMS

Tipos de Quartos disponíveis:

- ☞ Self-catering Suites
- ☞ Quartos executivos
- ☞ Quartos Standard
- ☞ Quartos económicos



Pequeno almoço inclusivo.

Todos os quartos equipados com: WC, A/C, cofre, geleira, chaleira

- ☞ Espaços e serviços para eventos (culturais, profissionais e sociais)
- ☞ Serviços de transfer (shuttle) para aeroporto
- ☞ Serviços turísticos, passeios marítimos e terrestres

ILHA DE
MOÇAMBIQUE



Café Central

CafeCentralMZ.com

+258 84 697 9177

CafeCentralMZ@gmail.com



“A UNILÚRIO É ELEMENTO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ILHA”

– Nuno Silva Gustavo, Professor-Adjunto na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Nuno Silva Gustavo, Professor-Adjunto na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE), doutorado em Turismo, Lazer e Cultura, esteve por detrás da assessoria técnica no desenvolvimento dos conteúdos dos cursos e da oferta formativa da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), principalmente no curso de Hotelaria e Turismo.

Em conversa com OMacuthi, defende que a Universidade Lúrio (UniLúrio) é o elemento estratégico para o desenvolvimento da Ilha de Moçambique. Segundo o investigador em gestão hoteleira, para tornar atractiva a actividade turística na Ilha é preciso ter claramente em atenção as questões do ordenamento do território, das regras de utilização dos espaços públicos e da melhoria das questões do saneamento. A UniLúrio e as Comunidades, na sua óptica, são guardiãs dos saberes da Ilha. Cumpre também à UniLúrio, em articulação com outras instituições, contribuir para o processo de envolvimento comunitário em prol de um desenvolvimento sustentável da Ilha, por forma a ajudar e valorizar as comunidades locais, principalmente, as que residem na zona sul, ou seja, na Cidade de Macuthi, nomeadamente, a transformar os ofícios que ela pratica em serviços e produtos turísticos.

Hoje em dia, do ponto de vista turístico, tentar criar uma estratégia que assenta apenas no património tangível é falacioso e estrategicamente perigoso. Isto é, pensar que o turismo se resume ao património material, pensar apenas no património edificado que leva pessoas à Ilha de Moçambique é muito pouco e, claramente, insustentável. É preciso pensar que destino turístico, em primeiro, é o quotidiano de uma população. Só com uma estratégia integrada é possível pensar no turismo como factor de desenvolvimento, valorização e sustentabilidade para um território.

Na parte introdutória desta conversa, que foi gentilmente dirigida por Faizal Raimo, o Prof. Dr. Nuno Silva Gustavo fala de como surgiu a parceria entre a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril e a Universidade Lúrio, apontando as actividades em curso e o futuro desta parceria que segundo ele fica, no curto prazo,



Nuno Silva Gustavo | Professor - Adjunto na ESHTE

muito dependente da evolução da pandemia do Coronavírus e da estabilidade política no norte de Moçambique.

OMacuthi (OM): Professor, em jeito de contextualização, poderia explicar-nos, como começou esta parceria entre a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril em Portugal e a Universidade Lúrio em Nampula-Moçambique?

Nuno Silva Gustavo (NSG): Esta parceria teve a sua origem num encontro da Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP), em Timor Leste em 2016. Tive a oportunidade e o

prazer de conhecer o Reitor, Prof. Francisco Noa, que no momento manifestou o interesse de nós darmos assessoria técnica no desenvolvimento dos conteúdos dos cursos e da oferta formativa da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na altura era ainda um projecto que estava a ser desenhado. Depois dessa primeira reunião, tive a oportunidade de trabalhar com o Prof. João Salavessa, já em Lisboa, nesse mesmo verão de 2016, e começamos a trabalhar precisamente na elaboração dos primeiros planos. Na sequência dos

Cont. pág.8

contactos, no mesmo ano, tive a gentileza do convite do Prof. Noa, para estar presente como orador no Congresso de Nutrição, realizado nas vossas instalações em Nampula. Nessa mesma estadia em Moçambique, para além de termos trabalhado sobre os conteúdos, tive a oportunidade, também pela primeira vez, de visitar a Ilha de Moçambique e ver as instalações onde estão a funcionar agora, na altura estava em obras, estavam em processo de começar. Então esta foi a origem da nossa colaboração.

OM: O que terá pesado para a aceitação desta parceria?

NSG: Havia uma relação afectiva e um historial... e principalmente muita vontade em ajudar.... É sempre um prazer como trabalhamos com os países com os quais temos uma relação, uma aproximação cultural e afectiva, particularmente, a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril e eu próprio, temos uma ligação relativamente muito longa com a África, nestes projectos. Comecei a participar em estes projectos em 2003, foi a primeira vez que estive também em Moçambique, no âmbito de um projecto que nós apadrinhamos, que foi da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, depois estive envolvido num outro projecto que foi o da Escola de Turismo de Cabo-Verde, de 2011 a 2016, sensivelmente. Portanto, ao longo de todos estes anos, foram diferentes financiamentos com diferentes programas da acção. Nós temos mantido esta relação, mas nós próprios aprendemos muito, porque são destinos emergentes que têm um potencial muito interessante, são mercados interessantes aos vários níveis, também neste sentido.



Nuno Gustavo Trabalhando no Gabinete de Turismo

São novos desafios acima de tudo, nós gostamos de novos desafios e claro que foi um prazer poder desenvolver esta parceria com a UniLúrio.

OM: Quatros anos depois, que desafios podem ser levantados nesta parceria?

NSG: Neste tipo de projectos há desafios e dificuldades. Como todos sabemos, os projectos formativos não se fazem por um período de um, dois ou

três anos, são projectos de longo prazo e a maior dificuldade é não conseguir financiamentos que sejam consistentes. O primeiro desafio é este, ou seja, são projectos que pela sua natureza precisavam de financiamento estável e duradouro e nós temos que andar sucessivamente a procurar novos financiamentos para conseguir dar continuidade. Neste âmbito, já tivemos o prazer de ter o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e da própria União Europeia. Temos também trabalhado agora com o Instituto Camões através da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA). A verdade é que era preciso termos desejavelmente maior consistência a esse nível, projectos de cinco anos era o desejável.

Segundo desafio que tem a ver com a rotatividade que o *staff* das organizações têm naturalmente, ou seja, nós formamos muitas pessoas (professores, funcionários e outros colaboradores), depois, infelizmente para a organização e felizmente para essas pessoas, abraçam novos desafios profissionais e nós estamos sempre a voltar atrás (para a “estaca zero”). Temos muitas dificuldades em consolidar e garantir um desenvolvimento sustentável do projecto. É um desafio muito grande garantir que haja estabilidade do ponto de vista dos elementos que participam nos projectos.

Os desafios concretos para Moçambique são os custos das deslocações que são extremamente onerosos, uma viagem chega a custar mais do que uma viagem de Lisboa-Austrália. Esse é um problema porque torna o projecto muito caro e limita deslocações. Por outro lado, confesso que é neste momento preocupante também a instabilidade que se vive em Moçambique. Todos os projectos que tínhamos a correr pararam por causa da pandemia de COVID 19 e esse é um desafio para o futuro. Como vamos vencer esta pandemia e como vamos continuar é algo que também nos preocupa. Tínhamos uma candidatura a um projecto muito interessante que envolvia a comunidade da Ilha de Moçambique, a Uni-Lúrio, o Instituto Camões e a UCCLA, envolvia um todo conjunto e efectivamente, neste momento, o projecto está parado também por causa desta questão da COVID 19.

OM: O que se pode esperar nos próximos tempos dessa parceria?

NSG: Vai depender muito da evolução da situação da pandemia, infelizmente todos nós estamos muito condicionados sobre isso. Eu acho que acima de tudo, era importante que nos próximos tempos, o norte de Moçambique, ou seja, Moçambique fizesse o seu trabalho de casa no sentido de garantir a necessária estabilidade política. Nós já começamos a ouvir e a ter muitos reflexos da instabilidade que existe no norte e isso preocupa para o futuro, sinceramente. Do ponto de vista turístico, não há compatibilidade com a instabilidade política e social. Era importante garantir-se, como se falava na última vez que estive em Moçambique, o desenvolvimento das Linhas

Aéreas em Nacala, assim, nós conseguimos equilíbrio em todos estes aspectos, baixar os preços de deslocação e garantir a estabilidade política, económica e social. Se conseguíssemos, era um passo muito importante para estes projectos que nós estamos a desenvolver e para a própria Unilúrio. Se não houver estabilidade, se não houver condições de nós chegarmos aos destinos, as entidades financiadoras não se mostrarão disponíveis para disponibilizar financiamento e essa situação efectivamente nos preocupa também.

OM: Conhece bem a Ilha de Moçambique. Como avalia este destino em termos da actividade turística?

NSG: Apesar da evolução muito importante que a Ilha tinha feito em 2016, quando fui a primeira vez, fiquei preocupado da última vez, com a necessidade de haver algum planeamento e ordenamento da zona mais turística da Ilha, a Cidade de Pedra e Cal. Em 2016, se calhar, havia pouco desenvolvimento, pouco poder económico, nas ruas não havia muita motorizada, o saneamento era muito melhor em 2017, 2018. Acho que a Ilha nos últimos anos tem perdido aqui algum do bom trabalho que tinha sido feito a esse nível.

A Ilha precisa ter claramente em atenção as questões de ordenamento do território e do saneamento e as regras de utilização dos espaços públicos. Contrariamente, por exemplo, houve um mau aspecto que sempre achei que se manteve muito bem e eu admiro imenso na Ilha, é a limpeza. Ou seja, a limpeza das ruas todos os dias de manhã é algo muito simples, mas muito importante. Perdeu-se uma consistência a esse nível, na recolha dos resíduos sólidos. Era uma preocupação que tinha ficado aquando da nossa última deslocação e que o próprio Instituto Camões andava a trabalhar, fazendo esforços com técnicos da Câmara Municipal de Lisboa para ajudar a recuperar o que se tinha perdido do ponto de vista da recolha de resíduos sólidos.

É preciso fazer um trabalho muito importante no envolvimento das duas comunidades. Na verdade, temos uma importante comunidade que está no sul da Ilha e, de

modo geral, qualquer lógica de desenvolvimento neste contexto implica envolver esta população. Era nesse sentido também que o nosso projecto, que está neste momento em suspenso face ao actual contexto, estava a trabalhar.

OM: Dr. Está a re-ferir-se a comunidade da cidade de Macuthi?

NSG: Sim. É muito

importante envolver a Comunidade, aliás, as várias comunidades. É preciso envolvê-las na actividade turística. É preciso capacitá-las e ajudá-las a desenvolver ofícios e competências que através dos quais eles possam também ganhar com a actividade turística. As comunidades são as guardiãs de um conjunto de saberes e tradições que são efectivamente o maior activo diferenciador da Ilha do ponto de vista turístico. É urgente valorizar este património intangível e é preciso dar condições também de saneamento, ajudá-las do ponto de vista das suas instalações. Se não tivermos uma harmonia entre aquilo que é o desenvolvimento local, as comunidades e o património, nós não vamos conseguir atrair turistas e ter um destino verdadeiramente sustentável.

OM: Uma questão para aclarar a sua explanação. De que forma a comunidade que reside no Macuthi pode ganhar na actividade turística?

NSG: Este era claramente o foco estratégico para o desenvolvimento do nosso projecto. Era precisamente fazer essa ajuda, ou seja, valorizar a cultura, as artes, os ofícios que fazem o dia-a-dia daquela comunidade e transformar em serviços turísticos para todos aqueles que visitam a Ilha. Se há um artesão, desde a ourivesaria, a produção de artesanato, à questão da gastronomia, temos de conseguir que as comunidades ofereçam esses seus saberes, suas tradições na forma de produtos turísticos a todos aqueles que visitam a Ilha de Moçambique. Hoje em dia, do ponto de vista turístico, tentar criar uma estratégia que assenta apenas no património tangível, do património material, ou seja, pensar que apenas a fortaleza é o património edificado que leva pessoas à Ilha de Moçambique, é muito pouco. Actualmente, as novas tendências do turismo assentam acima de tudo naquilo que são o património imaterial e intangível e, isso, é levar as pessoas a contactar com aquilo que são as artes, os saberes, o quotidiano das comunidades e por isso é que o envolvimento da comunidade é estratégico para o desenvolvimento da Ilha de Moçambique, enquanto não conseguirmos fazer esta articulação vai ser difícil.



Nuno Gustavo Numa sessão de trabalho na FCSH

Portanto, duas estratégias de desenvolvimento são fundamentais: primeiro, criar as necessárias condições do ponto de vista de infra-estruturas e conservação do património, segundo, darmos vida a este património imaterial e darmos o factor inovador a este património mundial, envolvendo a comunidade, trazendo

um produto adicional que é o saber dos ofícios das comunidades.

Nós temos uma questão fundamental, as comunidades são os grandes embaixadores da Ilha. Enquanto não percebermos que as comunidades são embaixadores da Ilha é a mesma coisa que termos uma casa sem embaixador. Uma casa sem embaixador não funciona e não é atractiva.

OM: De que forma a FCSH pode capitalizar estas oportunidades existentes?

NSG: A UniLúrio é o elemento estratégico para este

caminho. Em que sentido?! Para se conseguir este processo do qual nós estamos a falar, do ponto de vista de acção, dois aspectos são fundamentais: capacitação e formação dos diferentes protagonistas, desde as comunidades aos agentes do sector. Tem que trabalhar na formação e no plano de desenvolvimento. A UniLúrio precisamente porque acaba por ser, se assim podemos dizer, a guardiã destes saberes e é o pólo de desenvolvimento destes saberes formativos e de planeamento. Sem a UniLúrio, é impossível capacitar e garantir a sustentabilidade da Ilha. Porque a UniLúrio é o ponto de partida neste sentido, ou seja, se eu não tiver uma base como a UniLúrio na Ilha, eu não vou conseguir garantir permanentemente o planeamento, avaliação e a monitorização do território e a formação continua que é preciso permanentemente ter as comunidades e todos os stakeholders envolvidos.

OM: A comunidade clama pela documentação das suas histórias que é pouco divulgada. De que maneira esta parceria pode ajudar?

NSG: Um dos projectos que temos contempla, precisamente, a promoção de livros que fossem repositórios dessas memórias, dessas histórias, desses saberes. Portanto, esse é o trabalho fundamental que é preciso fazer, ou seja, é preciso e é fundamental porque sem essas histórias, sem esses saberes, nós também não vamos conseguir produzir um produto turístico.

Actual DAF que foi único CTA da FCSH

“FOI DIFÍCIL NAQUELA ALTURA, MAS ME ORGULHO”

É um autêntico guerreiro. Ivo Mussagi de Almeida Mussilane, actual Director Adjunto de Administração e Finanças da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lúrio na Ilha de Moçambique, trabalhou de finais de 2018 a Junho de 2019, como único Corpo Técnico Administrativo (CTA), exercendo em simultâneo trabalhos vinculados às áreas de Contabilidade, Secretaria-geral, Património, Unidade Gestora Executora das Aquisições (UGEA), Registo Académico e nalgumas vezes, teve que substituir o Director da Faculdade quando este se encontrava ausente, em missão de serviço.



Ivo Mussagi de Almeida Mussilane Director Adjunto de Administração e Finanças

“Confesso que foi um período muito difícil, mas quando reparo hoje, tenho muito orgulho”.

De Almeida Mussilane explica que durante este percurso, de aproximadamente dois semestres, a frente de praticamente todos os serviços da FCSH, teve situações de obstinação, mas que nunca deixou de ir ao trabalho, porque estava ciente que carregava uma faculdade em suas costas. “Eu também era director substituto, durante este período, sempre que o Director da Faculdade não estivesse, já estava sincronizado que eu era o seu substituto”, disse explicando que “Eu carregava muita responsabilidade e não podia aceitar que uma dor de cabeça parasse uma instituição”.

O nosso entrevistado conta que conseguiu levar a FCSH ao bom porto, apesar de todos



Ivo Mussagi de Almeida Mussilane

os desafios da sua criação, trabalhando sozinho e sem auxílio de ninguém nas mesmas tarefas que hoje são executadas por um total de onze técnicos que compõem o Corpo Técnico Administrativo.

“Como pode ver, é muito trabalho. Mas nunca senti falta de algum material, desde material administrativo, pedagógico e outros. Consegui fazer este esforço, trabalhava em casa, no serviço, aonde eu estivesse, com ajuda do Laptop ia fazendo os meus trabalhos”. A fonte diz ter muito orgulho porque acabou se formando, exercendo o trabalho na prática. “Para mim, isto tudo foi uma escola e uma grande aprendizagem. No fim do dia, sai sabendo fazer tudo, mesmo sem formações específicas de cada área. Aquilo foi tipo, tenho aqui o sector Administrativo, tenho que fazer funcionar, não havia outro pessoal. Tenho a secretaria, tinha que fazer funcionar. Eu não sabia dar entrada e saída a um documento. Nunca tinha trabalhado na área, mas encarei como um desafio que consegui enfrentar com bastante amor e profissionalismo”.

A fonte lembra que muitas vezes teve de recorrer a alguns colegas afectos na reitoria da Universidade Lúrio, entre os quais, o Dr. Lucílio Beca do Registo Académico, a Dra. Anifa Assane do DAF e da Biblioteca, o Dr. Bie Mário Aide, para lhes pedir algumas explicações sobre o funcionamento destes sectores. “Confesso que os incomodei muito, mas era para perceber como proceder em muitas situações. Resta-me pedir desculpas e agradecer ao mesmo tempo, pela paciência e disponibilidade em ajudarem-me sempre que os solicitasse. Estendo os meus agradecimentos ao professor João Salavessa, como o chamo, o meu Director, a razão de toda esta história, e ao Magnífico Reitor, o Professor Francisco Noa”.

Depois acrescentou, “em plena Reunião do Conselho Universitário, o Magnífico Reitor pediu para que cada um dos participantes se apresentasse. As

pessoas começaram a se apresentar, quando chegou a minha vez, eu disse: *Eu sou Ivo Mussagi de Almeida Mussilane, sou Director Adjunto Financeiro, UGEA, Secretário, Registo Académico, ... e tudo o que existia noutros pólos. As pessoas puseram-se a rir, mas na verdade para mim era um pedido de socorro ao Reitor. Desde aquele dia tive promessas de ter pessoal em curto espaço de tempo*”.

Em Junho de 2019, a FCSH começou a receber um novo efectivo, que foi sendo afectado nas demais repartições, aliviando sobre maneira, a pressão que era exercida pelo então único CTA.

“Começo a receber um novo pessoal. Praticamente, fui professor de todos estes novos colegas, apesar de que eu não tive nenhum professor que me pudesse introduzir em todas aquelas actividades que fazia. É por isso que quando faço uma retrospectiva, digo que foi bom ter abraçado aquele desafio. Fui professor, mas sem eu ter um professor”.

“Acho que já posso ir a reforma (risos). Guardo boas lembranças daquele período, entre os quais partilho: a primeira vez que dirigi o Conselho de Direcção da Faculdade, enquanto Director Substituto, a recepção do Embaixador da Tailândia, do Director Provincial da Ciência Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional, a abertura de um evento da Banda Xiquitse, para além da recepção da actual Ministra da Cultura e Turismo, Edelvina Materula, na altura Directora da Banda Xiquitse”.

Hoje, praticamente todos os locais, entre departamentos e repartições, encontram-se preenchidos por um pessoal experiente. A Direcção da FCSH está a cada dia que passa agregando valores aos seus principais objectivos de formar profissionais com alto grau de qualificação científica, pedagógica, técnica, humana e cultural.

De Almeida Musseline diz que “não há sombras de dúvidas de que a FCSH está a crescer e estamos num bom caminho. Estamos de facto a fazer diferenças”. “Temos pessoal, cada um fazendo o que deve fazer com tempo suficiente. Um dos problemas que tive que enfrentar, naquele tempo, era a questão de tempo. Hoje já não há esse problema. Temos as coisas a serem feitas em simultâneo por vários sectores. Conseguimos responder pontualmente a todas exigências que nos são colocadas”.

Entretanto, a nossa fonte terminou apelando para que cada um dos profissionais afectos à FCSH, quer Corpo Técnico Administrativo, quer Docente e Investigadores, a pautar por imprimir uma dinâmica a altura de fazer a diferença no exercício das suas funções. “Costumo a dizer que, no exercício das nossas actividades, temos de pautar pela imparcialidade, honestidade, brio e deontologia profissional e temos que usar sempre a celebre frase: dar ao César o que é de César, e para o nosso caso os Césares são os nossos estudantes, e temos que dar a eles, um serviço de qualidade, desde a sua chegada à secretaria, ao Registo Académico, sala de aulas, etc., pois são a razão da nossa existência. Os próximos desafios da FCSH, segundo o DAF, “passam pela transformação da FCSH da Ilha, para uma FCSH na Ilha, isto significa, a nossa internacionalização, por meio de intercâmbios de todo o pessoal da Faculdade dentro e fora do país”.

FELIZ ANIVERSÁRIO AOS NOSSOS COLABORADORES DE JULHO

A partir deste mês, O OMacuthi passa a trazer nesta página o testemunho dos colaboradores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) que completam seus aniversários natalícios no mês da edição publicada.

Nesta edição, conversamos com Mustafa Manuel Mustafa, nosso auxiliar de limpeza, e Beatriz Chalucane, docente de Técnicas de Expressão e Comunicação e chefe do Gabinete de Projectos e Inovação na FCSH, ambos comemoram os seus aniversários no presente mês de Julho de 2020.

Os colegas, a direcção da FCSH, endereçam aos aniversariantes muitas felicidades e muitos e longos anos de vida.

Parabéns colegas!

“CONSEGUI MUDAR COMPLETAMENTE O PANO-RAMA DA MINHA VIDA”

Mustafa Manuel Mustafa nasceu aos 26.07.1991, no distrito de Nacala-a-Velha. Começa a trabalhar em 2017 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), portanto, na época da sua abertura.

Mustafa é o aniversariante da FCSH no mês de Julho corrente. Auxiliar de limpeza, diz que se sente muito bem no desenvolvimento das suas actividades diárias e orgulha-se por saber que para um ambiente saudável e higiénico, a FCSH dependa do seu prestimoso trabalho. “Não é muito fácil o trabalho de limpeza numa instituição de ensino, onde há diversidade cultural, mas gosto e estou acostumado dele. Faço-o com bastante carinho e amor”.

Mustafa diz que contribui para a sua satisfação, o carinho, amor e a valorização que recebe dos seus colegas. “Aqui não há discriminação pelo facto de eu ser agente de limpeza. Os meus colegas, meus chefes, incluindo estudantes, valorizam-me bastante e gostam muito do meu trabalho. Aqui na FCSH vivemos um ambiente familiar e muito confortável”, disse explicando que fruto do seu trabalho, de 2017 para cá, foi capaz de mudar completamente a sua vida. Conseguiu construir casa própria e ser capaz de pagar as suas contas. “Antes desse trabalho, a minha vida era difícil, dependia dos meus pais, apesar da minha idade. Hoje faço a gestão da minha vida e o panorama mudou completamente para o melhor”.

Quando pedimos para deixar alguma mensagem aos colegas, Mustafa Manuel Mustafa diz que a única mensagem



Mustafa Manuel Mustafa Aniversariante da FCSH

a deixar, era para os estudantes no sentido de continuarem a cuidar da higiene, sobretudo dos sanitários. Conta que no começo era muito difícil garantir a higiene das casas de banho da faculdade, principalmente os destinados aos estudantes, por conta de alguns que quando usassem, deixavam muito sujo, pela forma como o faziam. Contudo, mercê de conversações e sensibilizações, sobre o bom uso

e da necessidade de manter a higiene colectiva, hoje o ambiente é bastante saudável.

“ESTOU A CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SER HUMANO MELHOR”



Beatriz Chalucane Aniversariante da FCSH

Beatriz Chalucane nasceu em Maputo aos 21 de Julho de 1991. Começa a trabalhar na FCSH em Fevereiro de 2019. Professora de Técnicas de Expressão e Comunicação, chefiou no período entre Agosto de 2019 e Junho de 2020 a repartição de Relações Públicas e Cooperação. Hoje para além da docência, é chefe do Gabinete de Projectos e Inovação e integra a equipa de revisores deste Boletim Informativo. Dra. Beatriz, como é tratada pelos colegas, diz que o ambiente fértil, por ser uma faculdade nova e ter colaboradores jovens, faz da FCSH uma unidade orgânica em constante mudança, com notável avanço, contribuindo de

15 MIL ABRANGIDOS NO RASTREAMENTO CONTRA COVID 19

Perto de quinze mil cidadãos de diferentes sexos, foram abrangidos pelo processo de rastreamento na principal entrada que dá acesso à zona insular da Ilha de Moçambique, actividade levada a cabo pelos estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), no âmbito da prevenção da Covid 19.

A actividade encerrou a 01.07.2020. Emoção, elogios e a sensação de missão cumprida, caracterizaram o momento de encerramento da actividade. Os estudantes estão satisfeitos por terem contribuído para a prevenção da Covid 19 a nível do distrito.

O estudante Tácio Joaquim Rosário Assane disse que “achei o trabalho muito bom, pois o mesmo teve um impacto importante na luta contra a doença na Ilha de Moçambique, sem esquecer que ajudou a minimizar o alastramento e entrada da pandemia nessa que é a zona insular da ilha, em outras palavras, achei o processo de rastreio, um plano louvável que não só contribuiu para a ilha como também para o país”.

Alfredo Vomuchela, um outro estudante, diz que “a campanha de rastreamento foi muito importante, porque ganhei muita experiência trabalhando, assim como na convivência com os colegas. A primeira semana foi muito desafiadora na questão de

não saber que tipo de pessoa que iria nos lidar. Mas ao andar do tempo virou algo normal, que gostei muito pelo trabalho e pela convivência de todos. Agradecer sem deixar de agradecer a FCSH pela oportunidade.

Sendo a primeira vez a participar no trabalho de saúde da comunidade, desde o primeiro dia de recolha de dados até último, dizer que cada dia era um dia de experiência e de nova aprendizagem com a comunidade e os meus colegas”.

“Nós é que agradecemos por fazer parte desta tão maravilhosa intervenção social”, disse Samire Varrancha.

Para Lucas Mabunda, outro estudante que fez parte da actividade “a diferença começa connosco e nós fazemos a universidade. Sentiremos saudades também de todos esses episódios específicos do voluntariado que abraçamos”.

O director da FCSH diz que se esgotaram adjectivos para qualificar os estudantes que estiveram envolvidos nesta actividade.

“A única palavra que me ocorre agora é dizer em nome da Direcção da FCSH, o nosso muito obrigado por terem feito parte desta história”, disse Wilson Nicaquela, director da FCSH.

“O ser humano tem um defeito de glorificar o

seu próximo a título póstumo. Luto diariamente para fazer isso diferente. Outros nunca se importam com as coisas belas que a gente faz ao longo do tempo. Mas eu sempre esforço-me para reconhecer quando registo. Ou seja, há quem só acorda e se torna caçador dos nossos lapsos. Disso, não nos importemos muito, é porque estamos a fazer algo”.

Nicaquela lembrou que “aquele atraso, aquela fome, aquela desvalorização, aquele incômodo, aquela preguiça, aquele receio, aquele medo, aquelas perguntas, aquela chuva que nos molhou, aquela falta de assertividade na nossa comunicação, foi porque estivemos envolvidos numa actividade”.

Em outras palavras estava a dizer só comete erros quem ousa fazer alguma coisa. “Se tens medo de errar, então fique cómodo e não faça nada. O que não nos desafia não contribui para a nossa maturidade”.

O Maeuthi
Boletim Informativo da FCSH

Leia e divulgue

Continuado da Pág. 12

alguma forma para o crescimento profissional dos seus colaboradores, na medida em que os desafia. “O ambiente que nós temos de partilha de experiências na sala de aulas, por exemplo, não é apenas sobre as Técnicas de Expressão e Comunicação, é a formação integral de um ser humano e assim, eu acho que, contribuo para o crescimento, primeiro, pessoal, também das pessoas com quem eu trabalho directamente, os meus estudantes, que por sua vez impactam os seus círculos de convivência, esses círculos vão influenciar outros e por aí vai o efeito multiplicador, que envolve, consequentemente, o crescimento da instituição e de uma comunidade como um todo”, disse Chalucane, apontando que se sente lisonjeada pelo facto de estar a contribuir para a construção de um ser humano melhor, comprometido com valores morais e ética. “Esta é a primeira e a maior realização enquanto docente e pessoa, sentir que há mudança de pensamento e comportamento na sala de aulas, sentir que o meu estudante que começou em Fevereiro, Março, é diferente do estudante que terminou o semestre em Junho, um estudante mais activo, mais crítico e reflexivo, um estudante consciente”.

O facto de ter passado por diversos sectores e estar agora no Gabinete de Projectos e Inovação, um ramo recém-criado a nível da FCSH “é um desafio, porque é algo novo na faculdade e tenho um especial interesse por criatividade, o que vai fazer com que eu exija mais da minha prestação. Sentir que de alguma forma faço a diferença no meu local de trabalho e tenho ideias que melhoram qualquer aspecto que seja, são realizações para mim, pois os desafios que me propõem, mais que aprendizagem, significam que estou a fazer o meu trabalho, dando o meu melhor”.

A Dra. Beatriz termina a conversa lançando um vigoroso apelo aos colegas para que pautem pela união e dedicação no desenvolvimento das suas actividades, porque segundo argumenta, só desta forma a faculdade pode fazer a diferença.

COMO DESCONSTRUIR A MENTALIDADE DE RECOMPENSAS EM ESTUDANTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS?



Sunisa Marcelino César Casúla
Estudante do curso de DLRI, 2 Ano, FCSH

É do nosso conhecimento que o mundo enfrenta uma das piores crises desde a última grande guerra, e parece não existir muitas alternativas até ao momento, que dão alternativa (passe o pleonasma) às mediadas prevenção do fenómenos da covid-19. Essa informação não constitui novidade para muitos, não sou a mentora, as fontes são (in)determinadas. Mas uma coisa me marca, sinto que precisamos nos unir e lutarmos contra esse inimigo livres da mentalidade de recompensas. É tempo de ficarmos perto mesmo distantes, fortes mesmo desesperos e esperançosos diante destas incertezas globais.

Desde o encerramento das aulas presencias até a declaração e as prorrogações do Estado de Emergência em Moçambique tem sido muito complexo nos adaptarmos a esta nova forma forma de viver. Mas muitos de nós ainda não acreditamos que a nossa vida normal se foi com a pandemia e é para sempre. Enquanto “supostos” racionais somos chamados a reflectir onde quer que estejamos, o que podemos fazer para prevenir este mal contra nós e se possível, como ajudar aos outros? Essa reflexão obrigou-me a lembrar a chamada *tríade de Hipócrates na relação médico-paciente*, ou seja, se um paciente te apresentar uma patologia cure-o, se não poder curar, trate-o, se não tiver condições de trata-lo, o mínimo console-o. Eis a razão que preferi ajudar na prevenção da **covid-19** com o activismo social e voluntário.

Participar nas actividades de rastreio da população da Ilha de Moçambique foi a única opção que me restava para dar o meu apoio como humano. Este gesto pode parecer irrisório, para mim foi uma oportunidade de servir não só, a comunidade, como também, uma espécie de confissão e lealdade a Faculdade, que se depender de mim, colocarei em prática aquilo que aprendo na e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Com efeito, mais do que um momento de apoio a quem quer que seja, foi oportunidade para uma chuva de aprendizados e experiências. Mais do que ver a população pelas telas através de reportagens superficiais, vivenciei situações “multiversas” de como algumas pessoas encaravam o problema da covid-19.

No trabalho de rastreio de pessoas, deparei-me com gente que recalcou o medo e o horror imposto pela guerra dos 16 anos, fenómeno que assolou indirecta, mas severamente a Ilha de Moçambique. Essas pessoas associavam o termómetro infra-vermelho à uma *arma de fogo- tipo pistola*. Ao rastrear uma senhora, assustou-se e implorou-me: “**Muhicópele**”, (qualquer coisa como: não

me baleie, por favor!) na língua Emakhuwa.

Participar numa actividade de solidariedade para um estudante de Ciências Sociais e Humanas, entendo como um dever e obrigação moral. Precisamos de nos envolver mais e anteciparmos eventuais impactos sociais deste fenómeno, que ainda são desconhecidos.

Quando tomei conhecimento que o 1º Ministro Britânico contraiu o coronavírus, o Saxofonista-mor, Manu Dibango morreu da Covid-19, adultos, jovens, adolescentes e crianças contraem e morrem da Covid-19 em Moçambique, percebi que não é problema de apenas uma classe social, raça, status ou ainda um certo tipo de cultura. O problema é de todos. Eis razão pela qual, torna-se humano e consequentemente, problema de todos. Deveríamos ter sentimentos culposos por ficar de braços cruzados e se calhar, contribuindo ainda mais, para o alastramento do vírus. Muitas vezes a indiferença é mais fatal que a própria ferra.

Percebi que os ganhos imediatos, influenciados pela mentalidade Neoliberal têm constituído a causa principal da nossa indiferença em acções de solidariedade. Para participar no processo de rastreio tive que mobilizar energias internas que permitiram-me contornar barreiras desencorajadoras tais como estas perguntas: ***estás na actividade de rastreio, não tens medo ficar infectada? A faculdade te paga algum valor?*** Aprender a fazer o bem sem esperar algo em troca seria uma ideia extraordinária a ser incutida no nosso seio, infelizmente somos muitos que trabalhamos com a Psicologia das recompensas.

Como tem dito, sempre um docente da FCSH, “estamos num momento em que os jovens não são confiados e são tomados como irresponsáveis”, motivo que deveria nos incentivar amostrar o contrário.

Portanto, se quisermos sair dessa crise devemos começar, fazendo o mais simples possível para chegarmos ao desejado como é o caso de ver alguém na rua sem máscara e incentivá-la a colocar, visto que temos muitas pessoas que sabem o que deveriam fazer, mas que precisam ser lembradas então, *lets be their reminders*. Para terminar Deixo cá princípio da Sociologia de Spencer que enuncia o seguinte: “as sociedades evoluem de formas simples para as formas mais complexas”. A nossa sociedade não voltara a viver a mesma simplicidade com que vivia antes da pandemia da Covid-19.

AS EXPERIÊNCIAS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL

Samira Hafiz Jamú

Estudante do curso de DLRI, 2 Ano, FCSH



A nova normalidade imposta pela pandemia da Covid 19 ensina novas formas de fazer a academia. Estudar em casa, participar em grandes eventos, cumprindo rigorosamente o distanciamento social. Não precisamos sair de casa, para estudar e nem para liderar ou participar uma reunião na esfera pública. A pandemia veio nos colocar em prova para ver quem é capaz de transitar de meras utopias em volta da globalização para a prática e efectividade do que era mero discurso.

Nesse sentido, enquanto estudante de Ciências Sociais e Humanas descobri alguns ensinamentos e aprendizagens caseiras eram essenciais a sua manutenção e fortalecimento no meio universitário. Por vezes até, podemos sacrificar a nossa própria vida para garantir o bem da colectividade. Percebi que era importante transformar as dificuldades em desafios, os embaraços em oportunidade para revelar o nosso potencial e acima de tudo o nosso humanismo.

Os desafios ganharam outros ecos pelo facto de, eu ser natural da Ilha de Moçambique onde a FCSH está implantada portanto, o discurso de contribuir para as nossas comunidade para mim se revela cada vez mais imediato e urgente. A pandemia da Covid-19 é a primeira de entre vários desafios que me esperam. Esta Ilha, a semelhança de outros espaços vive ameaçada e ainda sem dados reais sobre a pandemia. A cidade de Macuthi foi o primeiro espaço onde experimentei as minhas valências de poder dar um pouco de mim e dos meus colegas para a luta contra o Corona vírus.

Transformei o trabalho voluntário em actividade rotineira, no lugar de isolar-me definitivamente e confinada aos computadores e smartphones, fui participando na sensibilização comunitária e recolha de dados de um estudo dirigido pela FCSH. Foi por causa dessa entrega e desafio, que no dia 11 de Junho de 2020, tomei conhecimento que havia sido indigitada para representar a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e por meio dela a Universidade Lúrio, numa Mesa Redonda sobre a "Aprendizagem no período da covid -19 experiências de Moçambique e Brasil", evento

organizado pela Universidade Rovuma. Para fazer face a esse novo desafio que emergiu no meio de muita pressão entre aulas on-line e o voluntariado tive que desenvolver uma outra postura e assumir uma nova forma embora reticente, no final do evento senti-me mais encorajada, motivada e orgulhosa

Naquele debate foi oportuno para partilhar os nossos sentimentos e emoções face ao novo modelo de aprendizagem imposto pela pandemia em países do 3º mundo como é o caso de Moçambique. Foi possível perceber que afinal, mesmo o Brasil experimenta cenários iguais e em alguns momentos piores que os nossos, se calhar pelo nível de exigência social.

Orgulhou-me de ter partilhado para além das lamentações, que considero normal em situações de crise, mas também o quão é necessário, enquanto estudantes fazermos parte do processo de solução de alguns problemas do nosso domínio. Portanto, no esforço de transformar as dificuldades em oportunidades, acabei transformando o combate ao covid-19 em momento de aventura para grandes debates num fórum de dimensão internacional. Essa foi uma das experiências do distanciamento social.

Venda de Comida Confeccionada nas Ruas da Ilha de Moçambique em Tempos de Covid-19

Angelina DadeAmade Barros Alberto

Docente da FCSH



Comer *Pethé* (comida a venda na rua) faz parte da nossa cultura". Esta é uma visão partilhada por alguns nativos de Omuhipiti (Ilha de Moçambique), e a frase é acompanhada de cenários de venda de alimentos confeccionados não bem conser-

vados nas ruas e mercados da famosa "Omuhipiti", constituindo o epicentro o mercado de "Ndalane". Este que se pudesse falar, contaria histórias na visão do sociólogo Norbert Elias, dos "estabelecidos"(nativos) e outsiders (os que vêm à Ilha), que passaram por lá saboreando os pratos que as mu- thianas orreras (mulheres bonitas) confecciona(vam) e vendem (iam),

Venda de Comida Confeccionada nas Ruas da Ilha de Moçambique em Tempos de Covid-19

desde a mandioca com peixe frito, banana cozida com caranguejo frito, diversos mariscos, os que a comunidade chama de "chocolo" (ekwiririnh, makhessa, ekhompé, sololia), acompanhados por diversos tubérculos.

Há sensivelmente 9 anos atrás, o Conselho Autárquico da Ilha de Moçambique ganhou um projecto e ofereceu os vendedores do mercado de Ndalane, caixas de madeira e vidro, para colocarem os seus produtos. Mas, o projecto fracassou e cogito a hipótese de que a falta de monitoria e fiscalização do processo por parte do Conselho Autárquico da Ilha de Moçambique, aliado a alguns aspectos sociológicos estejam por detrás do fracasso.

No entanto, nestes tempos de pandemia constata-se que algumas vendedoras do mercado de Ndalane e outros locais, continuam a desenvolver a actividade de venda de comida não bem conservada, da mesma forma que vendiam antes do covid-19, isto é, a água que trazem não é suficiente para que os consumidores lavem as mãos devidamente, e muito menos os utensílios na qual colocam a comida, que por sinal são partilhados entre os consumidores. Este facto constitui um atentado a saúde pública e faz com que os consumidores pertençam a um grupo de risco na transmissão do covid-19, e caso tenhamos "casos positivos" de covid-19 na Ilha de Moçambique não é de se alarmar que este "local" seja um foco de transmissão comunitária. Não obstante, as acções e os conjugados esforços dos Serviços Distritais da Saúde, Mulher e Acção Social, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UniLúrio, Governo do Distrito etc, face a prevenção do covid-19 em Omuhipiti. Um outro facto curioso, se prende na postura de alguns consumidores, que num olhar impávido compram e consomem o confeccionado. Arrisco-me a dizer que alguns não se importam com isso, defendendo que faz parte dos hábitos e da cultura da comunidade de Ilhéus comer "pethé", por isso pouco exigem das vendedoras. Ora vejamos, é habitual os consumidores não lavarem devidamente as mãos, antes e de-

pois das refeições, há partilha de pratos entre os consumidores, e por vezes a água nem tem sido suficiente e limpa para lavar os utensílios usados, sem deixar de lado alguns vendedores de pão caseiro, bolos, que também para além de não conservarem devidamente os seus produtos, deixam que os consumidores escolham usando as mãos não desinfectadas e não protegidas. No entanto, se esta prática faz parte da cultura ou não, é discutível, teria que fazer uma pesquisa exploratória sobre o facto, recorrendo ao passado da Ilha de Moçambique, a génese do processo da venda de comida confeccionada, outrossim, recorreria aos conceitos de cultura na óptica de alguns antropólogos como Clifford Geertz e Roque de Barros Laraia, mas, não cabe neste texto discutir o assunto em alusão.

E, tendo em conta que esta prática é antiga na Ilha de Moçambique, e constitui um "calcanhar de Aquiles", em 2019, no âmbito da cadeira de laboratório de estudos de sociedade II, os estudantes do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, preocupados com a situação, conceberam um projecto que delineava algumas acções estratégicas com vista a minimização do problema, de seguida aproximaram os Serviços Distritais da Saúde, Mulher e Acção Social. No processo de aplicação do projecto, seguiriam as fases da sensibilização e acções subsequentes, mas há um ditado popular que diz "*Quem não tem asas não voa*" infelizmente faltaram meios financeiros para execução do projecto, e os estudantes focaram-se apenas na sensibilização.

Mas, durante a sensibilização constatava-se que as vendedoras não concebiam o processo como *um problema*, sabiam das consequências da venda de comida não bem conservada mas ignoravam, defendiam que não tinham meios para comprar baldes com tampa, ou bacias e plásticos para tapar os seus produtos, e na lista de pedidos que fizeram aos estudantes, para além dos baldes, caixas de madeira, e bacias, incluíam, *cremes corporais, pomada, perfumes, sabão, pasta dentífrica e até espelho*, dando uma clara indicação que esperavam mais do que baldes, caixotes e sensibilização. Assim, percebo que, a ideia de não conceber a venda de comida não conservada como um *problema* ainda prevalece, não obstante os apelos na prevenção do covid-19. Quero com isso cogitar a hipótese de que mesmos em tempos de covid-19, a forma de pensar, estar e agir das vendedoras não tenha mudado.

Portanto não defendo o recurso a força para intimidar as vendedoras, e muito menos que sejam expulsas dos mercados por não obedecer o decreto presidencial, tendo em conta que o negócio constitui o seu ganha-pão. Mas defendo uma maior responsabilidade, visão um pouco crítica por parte das vendedoras, e consumidores. Que ao desenvolver a actividade tenham a consciência dos riscos que eles e a comunidade em geral correm, que há necessidade de se proteger, e proteger os outros, porque caso não, teremos um cenário catastrófico em Omuhipiti, que pela dimensão geográfica, forma de propagação da pandemia do covid-19, conjugados os aspectos sócio-antropológicos, socioeconómicos atingirá níveis de transmissão comunitária sem precedentes.

A ser assim, e tendo em conta a comunicação do chefe do Estado datada dia 28 de Junho de 2020, dando conta a continuação do Estado de

O FUTURO DO SISTEMA DOS ESTADOS NO CONTEXTO DA COVID – 19

Victorino Chadreque
Docente da FCSH



Desde que surgiram os primeiros casos de infecção, no final de 2019 na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China e posteriormente declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em reconhecimento da propagação geográfica, o COVID – 19, já atingiu praticamente todos os continentes do planeta terra e cada país a sua maneira tem tomado as suas próprias decisões políticas inerentes a repressão da doença, salvo as medidas de prevenção universalmente conhecidas como: a lavagem das mãos usando água e sabão ou um desinfetante à base de álcool, ao tossir ou espirrar, cobrir a boca e nariz com um cotovelo, evitar contacto próximo com qualquer pessoa que tenha sintomas de gripe ou constipação, o uso de máscara, isolamento domiciliário, entre outras. É verdade que o COVID – 19, não atingiu os Estados de forma simultânea mas também é real que por força da globalização ela encontra-se nos quatro cantos do mundo. Portanto, a sua actuação é global com impactos universais. Tendo em conta este facto, fica claro que para vencer esta pandemia é necessário o “agir

global.” Ou seja, que os Estados ajam de forma colectiva. Isto é, que as acções de combate sejam coordenadas de forma universal. Nesta perspectiva, as instituições da *Bretton Woods*, nomeadamente Banco Mundial e FMI e a Organização das Nações Unidas (ONU) em geral e a Organização Mundial da Saúde (OMS) em particular, jogariam um papel fundamental para a materialização deste desiderato. A OMS em colaboração com o governo de cada Estado pronunciar-se-ia sobre o período de confinamento domiciliário obrigatório para todos os países. Assim como, outras medidas de prevenção obrigatória, respeitadas todas as condições que cada país apresentar.

Decisões unilaterais sempre levarão a existência de focos de contaminação no sistema das nações. Ora vejamos: se Estado A declara-se livre da pandemia por consequências das suas medidas de combate accionadas, Estado B ainda regista focos de contaminação e porque os Estados não são auto-suficientes, o estabelecimento de relações, contactos entre o Estado A e Estado B é inevitável ainda que não sendo países vizinhos. Por outro, se os países do centro decidem coordenar as acções de combate deixando de lado os países da periferia.

Após o sucesso dos países do centro, os focos de contaminação sairiam dos países periféricos para os do centro, olhando pela forte dependência e interdependência existente entre estes dois grandes grupos de países do planeta. Outro aspecto, que prova a ineficácia de acções unilaterais no combate ao COVID – 19 é de que ao lado da ocorrência desta pandemia, estão as guerras e terrorismo que também afectam algumas Nações/Estados que por consequência “forçam” as populações a migrarem de uma nação a outra.

No cômputo geral, “agir global” seria necessário para a contenção universal da doença e consequente ambiente favorável do sistema internacional para a sobrevivência dos Estados. “Agir unilateral” levaria a um ciclo de contaminação contínua da doença entre os países, impulsionando deste modo, impactos incalculáveis para todas as esferas vitais dos Estados e um possível colapso total do sistema internacional dos Estados.

Continuado da. pág.6

Emergência mas a retoma faseada das aulas presenciais, no ensino primário, secundário e superior, há necessidade de a nível local haver rigidez nas normas, directrizes, códigos sanitários, “maior” vigilância não só por parte do Conselho Autárquico, Serviços Distritais da Saúde, Mulher e Acção Social, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UniLúrio e Governo do

Distrito, que são instituições que estão a conjugar esforços na luta contra o Covid-19. Mas é também importante que a comunidade local faça parte do processo, e lute pela mesma causa.

É possível sim, ganhar a luta. Quem sabe, se após o covid-19 não seremos “nampethenes” (Os que comem pethé na rua) comendo “pethés” mas bem confeccionados e conservados.

Os artigos de opinião inseridos no *OMacuthi* são da inteira responsabilidade dos respectivos autores e não reflectem necessariamente o ponto de vista deste Boletim Informativo.

A Direcção

Pontos de vista académicos

Maurício Pedro Régulo

Docente da FCSH



PREVALEÇA A FORÇA DA RAZÃO

Neste artigo, vou além de uma mera análise dos fenómenos e passo a uma preocupação pessoal já que as acções e os discursos acabaram afectando-me directamente e de forma considerável.¹

Com investimentos avultados a decorrerem no Norte do país para o arranque do processo de exploração das jazidas dos hidrocarbonetos na Bacia do Rovuma e o início do processo de Desmobilização, Desarmamento e Reintegração dos homens da Renamo, Moçambique podia viver momentos estonteantes da sua história económica. Entretanto, este fascínio não tem sido acompanhado pela parte política, o que para mim constituem os momentos mais turbulentos da nossa história política. Senão vejamos:

Ora são ataques no Norte da província de Cabo Delgado e no Centro do País, ora é a pandemia da COVID-19 que está afectando tudo e a todos, ora são as declarações bombásticas de um grupo de académicos que apoiam veementemente as acções subversivas do comandante da autoproclamada Junta Militar da Renamo. Enfim, é um conjunto de fenómenos sociais e humanos, que nenhum país do mundo consegue “aguentar”. Acima de tudo, são acções que desencorajam para quem tem o leme² na mão para conduzir os destinos deste maravilhoso país.

Sou um cidadão moçambicano, nascido em terras moçambicanas e crescido nas mesmas terras. Sou produto de um Antigo Combatente que morreu depois de ter prestado militar à nossa pátria-mãe e consistentemente no Centro do país, na altura chamada província de Manica e Sofala. Já senti a dor de viver na ausência de um pai ou por ser órfão deste.

Antes de perder a vida, em conversas em volta da lareira como era de costume no passado, o meu pai sempre me dizia: *meu filho, cresça, estude, seja forte e grande*. Mas eu nunca pensei e muitos menos, imaginei o que o velhote pretendia quando me dizia aquelas palavras. Um dia, chamei-o para visitar-me, uma vez que vivo há mais de 25 anos à minha custa e longe dos meus progenitores. Depois de uma conversa aturada e de muita insistência, o velhote acabou abrindo os meus miolos e finalmente percebi o que ele pretendia transmitir-me.

Confesso que fiquei muito chocado e há dado momento perdi o gosto de viver na minha própria pátria. Tudo por culpa dos fenómenos

humanos que naquela altura o país estava vivendo que se arrastam até hoje, numa altura em que se pensa que era desta vez que o país sairia do *marasmo* da pobreza onde muitas famílias encontram-se mergulhadas, por um lado. Por outro, devido à algumas declarações de académicos moçambicanos que apoiam actos subversivos do famigerado comandante da auto-proclamada Junta Militar da Renamo.

Segundo alguns académicos³, Mariano Nhongo está no caminho certo como se estivesse a realizar acções que contribuem para o desenvolvimento socioeconómico do país. Desde já começo a questionar o tipo de massa crítica que temos no nosso país. Usando da experiência da minha área de trabalho,⁴ um país é avaliado pela massa crítica que possui. E se essa mesma massa crítica não reflecte como deve ser, o que esperam de nós? Na minha humilde opinião, no lugar de apoiar essas acções que em nada nos levam, sou de opinião que chamem ao comandante da Junta Militar a razão, demonstrando-o que não é matando um povo inocente que irá resolver o seu problema com o seu colega de fileiras Ossufo Momade, mas sim, pensando nas consequências que as suas acções estão causando à própria família, da sua região e ao país em geral.

É de lembrar que a Renamo sempre nos disse que pautava pela democracia. Se assim for, desafio o comandante Mariano Nhongo e os académicos que o acompanham a saber perder num pelito eleitoral. Se nos lembramos, Ossufo Momade foi o justo vencedor das eleições internas e em congresso, que se presume ser um órgão máximo do partido. Se assim é, desafio-o que aceite a derrota e junte-se aos seus colegas da ala política e deixe de fazer política com os algozes das armas.

1. O meu pai combateu na região centro do país e de lá não trouxe nada se não o meu nome. Muito recentemente, os ataques dos homens da Junta Militar por pouco não tiravam a vida da minha prima de sangue.

2. Em outras palavras significa volante

3. Vide artigo de um académico que diz que “Mariano Nhongo está no caminho certo”.

4. Docente da cadeira de Geopolítica